

A Constituinte

LOBBY

Ninguém escapa dos grupos de pressão

Se o leitor encontrar no café da Câmara um coronel do Exército conversando baixinho com o líder do PCB, Roberto Freire, ou um oficial superior da Marinha almoçando em um restaurante de Brasília com o veterano Fernando Santana (PCB-BA), não pense que as Forças Armadas aderiram ao comunismo ou aqueles políticos renegaram suas crenças.

São os ventos de mudança da Nova República. E, principalmente, são os ativos assessores parlamentares dos ministérios militares, lobistas onipresentes no Congresso, sempre atentos à sustentação dos interesses de suas pastas.

Um deputado ou senador estreatante não se deve perturbar se for abordado por uma senhora grave, circunspecta, que lhe pedirá medidas enérgicas contra o aborto e a

permissividade na TV e "o bando de maconheiras" do Conselho de Defesa dos Direitos da Mulher. Trata-se de dona Cora Mena Barreto que, há muito, trava batalha solitária, talvez vã, contra a pornografia, nos corredores do Congresso.

Os grupos de pressão atuavam apenas ante a tecnoburocracia militar, de vez que as decisões governamentais eram monopólio do poder político. Agora, com a convocação da Assembléia Nacional Constituinte, intensifica-se a ação dos lobistas, interessados em influir na elaboração da nova Constituição do País.

Na própria sessão da instalação da Constituinte, o panorama visto diante do prédio do Congresso dava bem idéia da variedade de reivindicação da sociedade, diante dos responsáveis pela elaboração da Carta Magna. Na multidão, havia os que ostentavam cartazes, reclamando a imediata realização da reforma agrária. Outros defendiam a manutenção das empresas estatais. Outros queriam a anistia dos marinheiros punidos em 1964. O próprio presi-

dente Ulysses Guimarães foi abordado, com veemência, por um grupo de setenta cidadãos capixabas que lhes foram exigir canais de participação popular, na elaboração da futura Lei Básica.

Além disso, como não foram tomadas providências para conter o acesso de populares ao prédio do Congresso, é provável que, nas galerias, se alojem novamente claque organizadas destinadas a pressionar o plenário. Em passado recente, elas chegaram a impedir o funcionamento da sessão, lá em baixo, quando senadores e deputados não atendiam ao que elas queriam. Nos corredores, os grupos de pressão são agressivos. Na última legislatura, vereadores, exasperados contra o então deputado José Machado (PFL-MG), que se insurgira contra aumento desarrazoado de seus subsídios, quase o agrediram fisicamente.

Haverá, durante o funcionamento da Constituinte e, depois, no Congresso, sempre lobistas em ação. Alguns mais discretos, menos barulhentos, na tentativa de persuadir parlamentares, nem por isso menos eficientes.